HELENA MARIA BICALHO BEHAR

74 1036

NARCISISMO: O IMAGINÁRIO DA PALAVRA

Dissertação de *MESTRADO* apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

ORIENTADOR:

Prof. Dr. Luiz Carlos Nogueira

SÃO PAULO

1984

Ao Marcelo,

que tão pequeno soube entender
o ato de amor que é a escrita.

A G R A D E C I M E N T O S

Ao Prof. Dr. Luiz Carlos Nogueira, orientador desta dissertação, com quem iniciei o meu estudo de Lacan. Este trabalho é fruto de uma relação que me permitiu encontrar uma maneira própria de caminhar na produção teórica.

A Profª Heloisa Berlink de Barros, com quem iniciei meu estudo de psicanálise.

Ao Dr. Antonio Godino Cabas, meu analista, pois é na análise que nasce a primeira pesquisa analítica, a do próprio inconsciente.

A M. Cristina M. Kupfer, cuja amizade e ensinamento da língua francesa, permitiram o meu acesso aos originais de Lacan.

A todos os amigos que acompanharam e contribuíram para este percurso teórico e, em especial, a M. Cecília G. Ferretti, Nina Diesendruck e Sandra Dias.

A todos que estudam comigo, pelo reconhecimento recebido.

Ao Sr. Ovidio de Freitas, pela paciência no trabalho de datilografia.

Aos meus pais, com gratidão.

Í N D I C E

PÁGINAS

INTRODUÇÃO IV

CAPÍTULO I

O NARCISISMO EM FREUD 1

CAPÍTULO II

O NARCISISMO EM LACAN 15

CAPÍTULO III

O IMAGINÁRIO NO DISCURSO DA DENEGACÃO 38

CONCLUSÃO 47

BIBLIOGRAFIA 51

RESUMO 52

SUMMARY 53

I N T R O D U Ç Ã O

O tema deste trabalho surgiu a partir de algumas questões a respeito de minha experiência clínica e, principalmente, na investigação analítica de psicóticos.

A escuta do discurso psicótico coloca de início a relação do sujeito com a linguagem.

A partir desta escuta poderia ser perguntado: que fala é esta?

"Fala dele, sem dúvida, mas em primeiro lugar de um objeto que não é como os outros, de um objeto que está no prolongamento da dialética dual - ele fala de qualquer coisa falada nele."¹

Estes dois aspectos da afirmação lacaniana, ou seja, a dialética dual e o que é falado nele, trazem a questão do imaginário no discurso psicótico. Haveria, então, diferença entre o imaginário na neurose e na psicose.

É esta diferença que problematiza a constituição do eu e que poderia ser explicitada a partir de tal estudo. Antes que ela pudesse ser colocada para mim era preciso que a questão mesma da constituição do imaginário estivesse formulada. É isto que pretendo com o presente trabalho.

A constituição do eu na teoria analítica está ligada à constituição do narcisismo. Na teoria freudiana ela é tratada na teoria tópica e na teoria lacaniana na topologia. Esta tese pretende mostrar que a topologia engendra a tópica.

Em todo estudo há sempre uma escolha em relação a forma de conduzir a investigação, optei por acompanhar o movi

(1) J. Lacan - *Le Seminaire, Livre III. Les psychoses*. Paris, Edition du Seuil, 1981.

mento do conceito nas obras de Freud e Lacan, dentro do âmbito do meu estudo atual.

O primeiro capítulo pretende destacar alguns momentos da teoria freudiana onde Freud avança em sua formulação da constituição do eu. O seu texto *Introducción al narcisismo* apresenta muitos impasses e questões que vão sendo desenvolvidas, mas não solucionadas, ao longo da obra e que culmina com o seu texto de 1925 *La negación*. Este capítulo tenta mostrar este percurso.

O segundo capítulo pretende mostrar como Lacan retoma as questões freudianas e tenta avançar na compreensão delas. Além disso, pretendo mostrar também a passagem da primeira metáfora para a segunda, criadas por Lacan para dar conta do conceito de narcisismo em sua teoria.

No terceiro capítulo pretendo mostrar a novidade trazida por Lacan, em sua leitura de Freud, destacando a relação da denegação com a constituição do eu como um dos níveis da relação do sujeito com a linguagem. Tentei mostrar o fundamento dialético que está presente nesta articulação.

C A P Í T U L O I

O NARCISISMO EM FREUD

Em todo recorte de um tema há sempre um compromisso com a escolha feita. Este tema aparece, de alguma forma, em inúmeros textos da teoria freudiana e compilá-los numa síntese abrangedora poderia ser um possível percurso escolhido. Este trabalho pretende proceder de maneira diferente: acompanhando o desenvolvimento do conceito na obra freudiana, tomar os textos em que este conceito adquire em Freud uma nova dimensão e explicitar, dentro do meu alcance teórico, a novidade avançada.

O conceito de narcisismo foi introduzido no conjunto da teoria analítica por Freud em seu texto *Introducción al narcisismo*, apesar de que já tivesse se utilizado do conceito em textos anteriores.

Logo no início do texto Freud diz que ele propicia um novo desenvolvimento da teoria da libido. Qual seria este novo desenvolvimento da libido? Trata-se da formulação de um investimento libidinal primitivo do eu¹. Ele afirma que esta parte da localização da libido tinha permanecido oculta à sua investigação inicial, pois tomava seu ponto de partida nos sintomas neuróticos. Ora, este texto toma como ponto de partida não mais os sintomas neuróticos mas os sintomas psicóticos. É portanto, partindo da investigação dos sintomas psicóticos que

(1) Seguindo a observação feita por Betty Milan em sua tradução do texto de Lacan *Les écrits techniques de Freud*, propomos a tradução do ICH alemão por EU e não EGO como apareceu na tradução brasileira das Obras Completas de Freud. Segundo a tradução, o termo ego é latino e a língua portuguesa oferece uma solução própria.

Freud pôde avançar na sua formulação da teoria da libido.

A partir da formulação de um investimento libidinal primitivo do eu, Freud entra num impasse em relação à sua primeira teoria das pulsões². A oposição entre pulsão de autoconservação ou pulsão do eu e pulsão sexual onde, desde o seu texto *Tres ensaios sobre la sexualidade*, opunha o que chamava de "funções de importância vital" às pulsões sexuais, já não pode se sustentar. Acompanhando o pensamento freudiano vemos que aí se coloca a seguinte questão:

"Se atribuímos ao eu uma catexia primária de libido, para que precisamos diferenciar uma libido sexual de uma energia não sexual das pulsões do eu?"³

Esta questão o coloca diante de um questionamento a respeito da constituição do eu e que se reporta diretamente à formulação já estabelecida pela sua primeira teoria das pulsões. Formular uma questão correta já avança o conhecimento teórico e neste momento Freud está antecipando o que vem a seguir e que é determinante neste texto a respeito do conceito de narcisismo. Freud postula que as pulsões autoeróticas são primordiais mas que o eu tem que ser construído e afirma:

"Para constituir o narcisismo tem que agregar-se ao autoerotismo algum outro elemento, um novo ato psíquico."⁴

A questão que se coloca a partir desta afirmação é: que novo ato psíquico é este de que fala Freud? Neste texto Freud abandona a questão e só vai retomá-la onze anos mais tar

(2) Adotei a tradução de pulsão e não instinto, seguindo Lacan, que destacou a pertinência deste termo como tradução do original alemão *trieb*.

(3) S. Freud - *Introducción al narcisismo*, p. 2019 (Conf.c/Orig.)

(4) Idem, ibidem, p. 2019

de, em seu texto *La negación*⁵, cuja discussão será desenvolvida mais adiante.

No entanto, do ponto de vista deste trabalho, esta é a questão freudiana a respeito do narcisismo que abre um novo campo de investigação na diferenciação do que constitui os - dois narcisismos - primário e secundário.

Neste texto, Freud ainda está preocupado em situar o narcisismo em relação à sua primeira teoria das pulsões e, percebe que a divisão da libido que propõe neste texto, em livido própria do eu e outra que investe os objetos, é apenas um prolongamento inevitável de uma primeira hipótese que dividiu as pulsões em pulsões do eu e pulsões sexuais.

A sua hipótese do narcisismo como intermediário entre o autoerotismo e a escolha de objeto surge de sua investigação psicanalítica a respeito da vida erótica humana. Segundo ele, esta investigação revelaria dois tipos de escolha de objeto: o tipo de apoio ou anaclítico e o tipo narcisista. Até esta data o segundo tipo de escolha de objeto ainda não tinha se evidenciado para ele e daí a possibilidade de formular a nova hipótese. O que Freud descobre com relação a escolha de objecto é que a primeira delas podia se fundamentar em sua pri-

(5) Segue uma proposta feita por Betty Milan, em sua tradução do texto de Lacan *Les écrits techniques de Freud*, traduzindo por denegação, diferente da solução adotada pela tradução brasileira que foi negação, o termo alemão verneinung. Sua justificativa, com a qual concordo é a seguinte: "Em alemão este designa a negação no sentido lógico ou gramatical, mas também no sentido de recusa de uma afirmação anunciada pelo sujeito ou a ele imputada. Em francês e em português, a língua permite distinguir a negação no sentido lógico ou gramatical (négation - negação) e no segundo sentido, que implica o sujeito, supõe a recusa e o desmentido (dénégation - denegação). Posto ser verneinung um conceito freudiano, à negação, tradução até aqui adotada em português, substituímos denegação, cujo sentido é o que interessa à verneinung."

meira teoria das pulsões a qual, baseada na noção psicanalítica de apoio, afirma que as primeiras satisfações sexuais autoeróticas são vividas em relação às funções vitais destinadas à conservação.

"As pulsões sexuais se apoiam no início na satisfação das pulsões do eu e só posteriormente que se tornam independentes destas últimas."⁶

É quando descobre o segundo tipo de escolha de objeto, onde a pessoa escolhe conforme a sua própria pessoa e não segundo a imagem da pessoa que o cuidou, que Freud formula a hipótese do narcisismo. Como é que esta hipótese pode contribuir para a teoria da libido? Permite diferenciar dentro da teoria da libido as pulsões do eu da libido do eu, relacionando esta última assim como a libido objetal às pulsões sexuais. É a descoberta do narcisismo que permite esta formulação, este é o passo que inicia a crítica da primeira teoria das pulsões.

É em seu texto de 1920, *Mais-além do princípio do prazer*, que esta crítica é melhor elaborada. Neste texto Freud afirma:

"Esta libido narcisista era também, naturalmente, a exteriorização da energia das pulsões sexuais no sentido analítico; pulsões que tivemos que identificar com as 'pulsões de autoconservação', reconhecidas desde o primeiro momento. Estes descobrimentos demonstraram a insuficiência da dualidade primitiva das pulsões do eu e pulsões sexuais. Uma parte das pulsões do eu ficava reconhecida como libidinosa."⁷

É ainda neste texto que Freud afirma:

"Antes de ter reconhecido claramente o narcisismo existia já em psicanálise a suspeita de que as pulsões do eu te

(6) S.Freud - *Introducción al narcisismo*, p. 2025

(7) S.Freud - *Mas alla del principio del placer*, p. 2534

riam atraído a si componentes libidinosos."⁸

É esta afirmação que permite dizer que foi a descoberta do narcisismo que permitiu à teoria analítica a explicitação do caráter libidinoso da pulsão do eu.

É a partir da descoberta do fenômeno da repetição que Freud pôde postular em seu texto *Mas alla del principio del placer* o conceito de compulsão à repetição. A formulação deste conceito está na base da passagem da primeira para a segunda teoria das pulsões. Qual é a natureza da compulsão que leva à repetição de situações desagradáveis? Freud tenta responder a esta questão com a análise dos jogos infantis. Neste texto citado acima ele descreve um jogo realizado por uma criança de um ano e meio. Neste jogo, a criança costumava jogar pequenos objetos, dos quais conseguia se apoderar. Enquanto executava o jogo produzia, com expressão interessada e satisfeita, um agudo som o-o-o que, segundo a mãe e o próprio Freud, não correspondia a nenhuma interjeição, mas significava fora(fort). Freud diz que observou que aquele jogo era inventado pela criança e que ela não utilizava seus brinquedos a não ser para jogar com eles o estar fora. Mais tarde esta hipótese se confirmou para Freud: presenciou a criança brincando com uma cordinha tendo um carretel de madeira amarrado em sua extremidade. O que surpreendeu Freud foi que a criança não o arrastava pelo chão, mas o jogava por cima da grade de seu berço, fazendo-o desaparecer. Lançava, então, o seu significativo o-o-o e atirava logo a corda até conseguir de volta o carretel, saudando-o com um alegre "da". Estes dois sons foram interpretados pelas pessoas que cuidavam da criança como "fort" e "da", o que quer dizer,

(8) S.Freud - *Mas alla del principio del placer*, p. 2534

"fora" e "aqui". Este era o jogo completo: desaparecimento e reaparecimento. No desaparecimento o "fora" e no reaparecimento o "aqui".

Para Freud, a realização do jogo infantil era a possibilidade da criança em renunciar à satisfação pulsional. Através do jogo ela podia permitir que a mãe se afastasse dela, repetindo de uma maneira ativa o acontecimento que sofrera passivamente, pois o afastamento da mãe não podia ser agradável nem indiferente para a criança. Ao mesmo tempo em que neste jogo há renúncia pulsional torna-se também possível para ela

"ligar as excitações pulsionais, submetê-las ao processo secundário mediante a atividade verbal que se encontra à disposição do pré-consciente."⁹

Com a descoberta do fenômeno da repetição no jogo infantil Freud formula o conceito de compulsão à repetição. Qual é o agente da repetição? É neste momento que Freud postula a pulsão de morte como agente da repetição. Com os conceitos de pulsão de morte e compulsão à repetição o que é que Freud acrescenta à compreensão do conceito de narcisismo? Neste momento, Freud está colocando a possibilidade de simbolizar que está implicada na constituição do narcisismo. A criança já não tem a mãe mas a recria no símbolo que o brinquedo representa. Neste momento Freud está mostrando que é a partir da constituição do narcisismo que se dá a formação do símbolo.

A partir deste momento da obra freudiana há uma crítica à primeira teoria das pulsões e a passagem à segunda teoria das pulsões. É Freud que afirma:

"Com o estabelecimento da libido narcisista e a extensão do conceito de libido à célula isolada, nossa pulsão se

(9) O. Manonni - *Freud e a psicanálise*, p. 116

xual se converteu em 'Eros', que tenta aproximar e manter reunidas as partes da substância animada, e o as pulsões denominadas geralmente sexuais apareceram como a parte deste 'Eros' dirigida para o objeto. A especulação faz atuar ao 'Eros' desde o princípio mesmo de vida, como 'pulsão de vida' oposta à 'pulsão de morte' surgida pela animação do anorgânico, e tenta resolver o mistério da vida pela hipótese destas duas pulsões que desde o princípio lutam entre si. Adição de 1921. Não é tão fácil seguir as transformações sofridas pelo conceito de 'pulsões do eu'. No início, denominávamos assim todas aquelas direções pulsionais, pouco conhecidas por nós, que se deixavam separar das pulsões sexuais dirigidas para o objeto, e opúnhamos as pulsões do eu às pulsões sexuais, cuja manifestação é a libido. Mais tarde, nos aproximamos mais da análise do eu e vimos que também uma parte das pulsões do eu era de natureza libidínica e tomava como objeto o próprio eu. A estas pulsões narcísistas de conservação tinham, pois, que serem agregadas as pulsões sexuais libidínicas. A antítese entre pulsões do eu e pulsões sexuais se transformou em pulsões do eu e pulsões do objeto, ambas de natureza libidínica. Em seu lugar apareceu outra entre pulsões libidínicas (pulsão do eu e do objeto) e as demais pulsões que podem estabelecer-se no eu e constituir as pulsões de destruição. A especulação transforma esta antítese nas pulsões de vida e pulsões de morte."¹⁰

É em seu texto *El yo y el ello*¹¹ em que a constituição do eu é pela primeira vez tomada como a constituição de um ser corpóreo. Freud afirma:

"Na gênese do eu, e em sua diferenciação do Isso, parece haver atuado ainda um outro fator distinto da influência do sistema P. O próprio corpo, e, sobretudo, a su-

(10) S. Freud - *Mas alla del principio del placer*, p.2539, nota 1513.

(11) Segundo a justificativa da tradução de ICH por EU, adotarei a de ES por ISSO, que corresponde na nossa língua ao pronome neutro alemão.

perfície do mesmo, é um lugar do qual podem partir simultaneamente percepções, externas e internas."¹²

E um pouco mais adiante faz uma outra afirmação:

"o eu é, antes de tudo, um ser corpóreo, e não apenas um ser superficial, mas inclusive a projeção de uma superfície."¹³

Por que Freud acrescentaria à sua formulação do eu como um ser corpóreo a seguinte frase - inclusive a projeção de uma superfície? Qual é a novidade que Freud está pretendendo introduzir neste texto com relação ao tema do narcisismo?

É o próprio Freud que responde um pouco mais adiante no texto:

"Impõe-se para nós aqui uma importante modificação da teoria do narcisismo. Inicialmente, toda a libido se encontra acumulada no Isso, enquanto que o eu é ainda débil e está em período de formação. O Isso emprega uma parte desta libido em investimentos eróticos de objetos, depois do qual o eu, já robustecido, tenta apoderar-se desta libido de objeto e impor-se ao Isso como objeto erótico. O narcisismo do eu é deste modo um narcisismo secundário, subtraído dos objetos."

Este é um momento muito importante da teoria freudiana a respeito do narcisismo. É o momento em que Freud pode retomar a questão que havia colocado em seu texto "*Introducción al narcisismo* sobre a constituição do eu, onde afirmava que, para constituir o narcisismo tem que agregar-se ao autoerotismo algum outro elemento, um novo ato psíquico.

Quando Freud afirma que o eu é um ser corpóreo e inclusive a projeção de uma superfície e que, para se projetar ele se apodera da libido de objeto que vem do Isso e se impõe

(12) S.Freud - *El yo y el ello*, p. 2709

(13) Idem, *ibidem*, p. 2709

ao Isso como objeto erótico, ele está forjando na constituição do eu um compromisso libidinal. Ao mesmo tempo em que há uma projeção sobre uma superfície, há a constituição de um ser corpóreo. Como poderia ser entendida esta projeção sobre uma superfície? Em seu texto "Uno", ao tratar desta questão da teoria freudiana Cabas afirma:

"uma superfície (enquanto bidimensional) não é outra coisa do que uma imagem. A imagem e o ideal são fundamentais para a constituição do eu."

A partir desta formulação de Cabas podemos pensar que o que se projeta nesta superfície-imagem é o ideal. O substrato para a constituição do ser corpóreo seria, então, a imagem e o ideal.

Mas Freud avança, ainda neste texto, uma conclusão: o narcisismo do eu é um narcisismo secundário, subtraído dos objetos. Esta conclusão não estava presente em seus textos anteriores e a partir deste texto o narcisismo do eu é considerado um narcisismo secundário, subtraído dos objetos e implicando um compromisso libidinal, tornado possível a partir de sua segunda teoria das pulsões.

A partir deste momento da teoria, o narcisismo secundário se esclarece deixando ainda relativamente obscura a formulação do narcisismo primário.

Em seu texto de 1925 *La negación* é o outro momento em que a teoria do narcisismo alcança nova dimensão. Neste texto Freud discute a constituição do eu primitivo. Neste primeiro tempo, mítico, parte-se de um todo indiferenciado, do campo do Lust.

Segundo Freud a antítese entre o subjetivo e o objetivo não existe desde o início, vai se constituindo na medida que o pensamento possui a faculdade de tornar presente de novo, por reprodução na representação, algo uma vez percebido,

sem que o objeto tenha que continuar existindo fora.

"A primeira e mais imediata finalidade do exame da realidade não é, pois, encontrar na percepção real um objeto correspondente ao representado, mas voltar a encontrá-lo, convencer-se que ele ainda existe."¹⁴

Para que esta constituição originária mítica do eu se dê é preciso que a partição dentro e fora já tenha se realizado. Como é que se dá este processo?

Freud desenvolveu esta questão em seu texto *Los instintos y sus destinos* onde afirma:

"O eu não precisa do mundo exterior enquanto é autoerótico; mas recebe dele objetos em consequência dos processos das pulsões de autoconservação e não pode, pelo menos, sentir como desprazerosos, durante algum tempo, os estímulos pulsionais interiores. Sob o domínio do princípio do prazer se realiza logo nele um desenvolvimento ulterior. Refugiam-se em seu eu os objetos que são oferecidos enquanto constituem fontes de prazer, e os introjeta, afastando, por outra parte, de si aquilo que em seu próprio interior constitui motivo de desprazer."¹⁵

E mais adiante, neste mesmo texto Freud afirma:

"O mundo exterior se divide para ele numa parte prazerosa, que é incorporada, e um resto, estranho a ele. Separa do próprio eu uma parte que projeta no mundo exterior e percebe como hostil a ele."¹⁶

Com isto, acrescenta Freud, há a entrada no narcisismo primário.

"O estado narcisista primitivo não poderia seguir seu desenvolvimento se cada indivíduo não passasse por um período de ausência de defesas e de necessidade de cuidados, durante o qual são satisfeitas suas necessidades por um auxílio exterior."¹⁷

(14) S.Freud - *La negación*, p. 2885 (Conf. c/Original).

(15) S.Freud - *Los instintos y sus destinos*, p. 2049

(16) Idem, ibidem, p. 2049

(17) Idem, ibidem, p. 2049 - nota 1392

Seria então suficiente que algo tivesse para o eu primitivo o atributo de bom para que fosse incorporado? Esta discussão não estava colocada por Freud em 1915, neste texto citado acima, e só vai surgir em 1925 no texto *La negación* on de ele afirma:

"A experiência nos ensinou que o importante não é apenas que uma coisa (objeto de satisfação) possua a propriedade de 'boa' e, portanto, que mereça ser incorporada no eu, mas também que exista no mundo exterior de modo que seja possível apoderar-se dela, caso fosse necessário."¹⁸

Neste momento Freud está colocando algo novo em relação à sua formulação anterior e esta novidade é a necessidade da formulação de um juízo junto ao movimento de incorporação - é preciso que exista no mundo exterior. Em que isto contribui para a conceituação do narcisismo? Neste momento Freud está situando o narcisismo primitivo ou primário como o responsável pela partição do dentro/fora e pela construção lógica do eu primitivo.

É Freud quem afirma:

"O estudo do juízo nos abre, pela primeira vez, uma compreensão para a gênese da função intelectual surgida do dinamismo do jogo dos movimentos pulsionais primários."¹⁹

Por que o estudo do juízo tornou-se importante para a sua formulação da constituição do eu? Porque, numa reconstrução mítica, seria o juízo que permitiria tornar o que era apenas afetivo, o campo do Lust, em intelectual.

Ainda é uma afirmação freudiana:

"O julgar é o desenvolvimento progressivo adequado da subsequente inclusão no eu ou exclusão do eu, originalmen-

(18) S.Freud - *La negación*, p. 2885

(19) Idem, *ibidem*, p. 2886

Seria então suficiente que algo tivesse para o eu primitivo o atributo de bom para que fosse incorporado? Esta discussão não estava colocada por Freud em 1915, neste texto citado acima, e só vai surgir em 1925 no texto *La negación* on de ele afirma:

"A experiência nos ensinou que o importante não é apenas que uma coisa (objeto de satisfação) possua a propriedade de 'boa' e, portanto, que mereça ser incorporada no eu, mas também que exista no mundo exterior de modo que seja possível apoderar-se dela, caso fosse necessário."¹⁸

Neste momento Freud está colocando algo novo em relação à sua formulação anterior e esta novidade é a necessidade da formulação de um juízo junto ao movimento de incorporação - é preciso que exista no mundo exterior. Em que isto contribui para a conceituação do narcisismo? Neste momento Freud está situando o narcisismo primitivo ou primário como o responsável pela partição do dentro/fora e pela construção lógica do eu primitivo.

É Freud quem afirma:

"O estudo do juízo nos abre, pela primeira vez, uma compreensão para a gênese da função intelectual surgida do dinamismo do jogo dos movimentos pulsionais primários."¹⁹

Por que o estudo do juízo tornou-se importante para a sua formulação da constituição do eu? Porque, numa reconstrução mítica, seria o juízo que permitiria tornar o que era apenas afetivo, o campo do Lust, em intelectual.

Ainda é uma afirmação freudiana:

"O julgar é o desenvolvimento progressivo adequado da subsequente inclusão no eu ou exclusão do eu, originalmen-

(18) S.Freud - *La negación*, p. 2885

(19) Idem, *ibidem*, p. 2886

te, a partir do princípio do prazer."

Neste momento do texto freudiano os processos psicológicos de expulsão ou projeção (esta equiparação é feita pelo próprio Freud em seu texto *Los instintos y sus destinos* à p. 2049) e incorporação adquirem um estatuto lógico, situando, analogicamente, a constituição inicial do eu ao nível de uma construção lógica - inclusão e exclusão.

"A Ausstossung (expulsão) inicial, induz, portanto, o sujeito enquanto aquilo que subsiste de não - exterioridade. Esta Ausstossung tem por Nachfolge (sucessão) a Verneinung (Denegação), que simboliza agora este momento de expulsão e cuja contrapartida da simbolização é a Bejahung (afirmação) primária, como aquilo que não foi excluído."²⁰

Esta afirmação de Lew relaciona expulsão com exclusão, que é o caminhar do texto freudiano como já foi comentado anteriormente.

"A afirmação - como substituto da união (ou inclusão)-²¹ é sócia de Eros; e a negação - sucessão da exclusão - é sócia da pulsão de destruição"²²,

diz Freud. Com esta afirmação freudiana podemos dizer que a construção lógica do eu primitivo só foi possível a partir da formulação da segunda teoria das pulsões. E como é que se inscreve a Bejahung? É Lew que responde interpretando o texto freudiano:

"Esta Bejahung, primeiro processo de afirmação, se inscreve, portanto, no sujeito como negação (Verneinung) da Ausstossung (expulsão). Já que, da mesma forma que a Ausstossung não pode ser concebida senão induzindo um resto, a partir do indiferenciado primordial, a Vernei-

(20) R.Lew - *A denegação na obra de Freud*, p. 31

(21) O parêntese é meu.

(22) S.Freud - *La negación*, p. 2885

nung não é em nada um processo de anulação, mas ao contrário sustenta sua demarcação daquilo que vem a criar-se de Bejahung..."^{22 - 23}

Qual é a função do juízo que o tornou pertinente na concepção freudiana para a discussão da constituição do eu primitivo? É Freud que responde:

"A função do juízo tem que se haver com duas decisões. Ela tem que atribuir ou negar a uma coisa uma propriedade e conceder ou negar a uma representação a existência na realidade."²⁴

Com esta afirmação podemos pensar que recorrer à função do juízo para discutir a constituição do eu serviu a ele para relacionar a constituição do eu com a realidade. Era uma forma de mostrar que a construção do eu se dá juntamente com a construção da realidade para este eu. Mas esta questão já engendra uma discussão de âmbito filosófico que escapa ao objetivo do presente trabalho. O importante a ser assinalado aqui é que na partição dentro/fora, e numa reconstrução mítica, teríamos, analogicamente, um ato lógico. Na decisão de uma das funções do juízo que é o da existência real de uma coisa representada e que se desenvolve a partir do eu-prazer inicial

"... não se trata mais do fato de se algo percebido (uma coisa) deverá ser ou não admitida no eu; pelo contrário, trata-se do fato de se algo no eu como representação do existente também pode ser reencontrado na percepção (realidade)."²⁵

(22) R.Lew - *A denegação na obra de Freud*, p. 31

(23) É o resto que Freud havia colocado no texto *Pulsão e destino das pulsões*, quando afirmava que o mundo exterior se dividia para o eu primitivo numa parte prazerosa, que se incorporava, e um resto, estranho a ele.

(24) S.Freud - *La negación*, p. 2885

(25) Idem, *ibidem*, p. 2885

Por que a representação do existente se torna para Freud o aspecto essencial deste momento mítico? Freud responde:

"... originariamente, a existência da representação já é uma garantia para a realidade do representado."²⁶

Ainda no trabalho de Lew encontramos a seguinte afirmação referente a esta mesma questão:

"É neste nível - o da representação - que o intelectual se separa do afetivo ao mesmo tempo que se relaciona. O iniciador do movimento mesmo de pensar, nessa chave que é a representação, é o princípio do prazer que impõe me nos o reencontrar de um objeto, que se convencer que ele está ainda presente, isto é, sempre à disposição, mesmo se esta repetição vê sua aparência transformada por omisões ou fusões. Convencer-se que o objeto está sempre aí, eis o julgamento de existência."²⁷

Portanto o conceito de juízo, operando com as duas funções já mencionadas - atribuição e existência - contribui para o esclarecimento da constituição do eu primitivo, partindo do juízo de atribuições onde a função é de significar uma qualidade a uma coisa até o juízo de existência, cuja função seria de admitir ou contestar a existência na realidade de uma representação. É apenas neste último plano que o eu teria o objeto à sua disposição. O que o texto freudiano mostra é que o processo que permite que isto ocorra é a criação do símbolo da negação. Tratarei disto no terceiro capítulo.

* * * *

(26) S.Freud - *La negación*, p. 2885

(27) R.Lew - *A denegação*, p. 27.

C A P Í T U L O I I

O NARCISISMO EM LACAN

A discussão que será desenvolvida neste capítulo prossegue o estilo da anterior e pretende tomar os textos lacanianos onde o conceito de narcisismo adquire uma nova dimensão, dentro do âmbito do meu estudo atual da obra de Lacan.

A introdução ao narcisismo na obra lacaniana se faz em seu texto *Le stade du miroir comme formateur de la fonction du JE*¹. É neste texto que Lacan vai retomar a tese freudiana sobre a constituição do eu, posterior à sua formulação da segunda teoria das pulsões, na qual o narcisismo do eu é subtraído dos objetos e que, para que se realize, ele se apodera da libido de objeto que vem do Isso e se impõe ao Isso como objeto erótico. Com esta afirmação, como disse no primeiro capítulo, Freud estaria forjando na constituição do eu um compromisso libidinal. Este texto de Lacan estaria também desenvolvendo e explicitando a tese freudiana do texto *Introducción al narcisismo*, já mencionada no primeiro capítulo, de que para a formação do eu teria que agregar-se ao autoerotismo um novo ato psíquico. De que novo ato psíquico se trata e como é que este novo ato psíquico implica um compromisso libidinal é o que o texto pretende desenvolver.

Para a articulação destas questões freudianas da constituição do eu Lacan se utilizará de uma metáfora - a do espelho plano. Como é de um recurso retórico que Lacan se utili

(1) Aqui é importante acrescentar o parênteses para discriminar o eu nos dois registros da topologia de Lacan. No registro imaginário como MOI e no registro simbólico como JE.

zarã, cabe inicialmente lembrar o uso desta figura nesta área do saber.

A metáfora é uma figura da retórica

"em que a significação natural de uma palavra é substituída por outra, em virtude da relação de semelhança subentendida."²

Tomando a metáfora que Lacan utiliza neste texto, a do espelho plano, e dada a definição desta figura retórica, sabemos que neste texto estamos diante de um espelho que não é espelho, ou que pelo menos não deve ser lido assim, mas que é um espelho-outro. Isto já nos coloca diante da própria função do significante na linguagem, segundo a teoria lacaniana, a de remeter a um outro significante. Então a questão que abre o texto poderia ser: o significante espelho nos remete a qual outro significante?

Lacan diz que o estágio do espelho deve ser compreendido

"como uma identificação no sentido pleno que a análise dá a este termo: a saber, a transformação produzida pelo sujeito quando ele assume uma imagem."³

Esta formulação de Lacan é talvez uma condensação de várias questões a respeito da constituição do eu que poderiam ser as seguintes: a primeira delas é que Lacan fala de um sujeito e mais, um sujeito que produz uma transformação - qual é o conceito de sujeito para a teoria lacaniana?; a segunda, de corrente da primeira, é a respeito da transformação produzida pelo sujeito - de que transformação se trata?; e em terceiro

(2) A. Buarque de Holanda - *Novo dicionário da Língua Portuguesa*, p. 917.

(3) J. Lacan - *Le stade du miroir comme formateur de la fonction du JE*, p. 94.

lugar - o que implica para este sujeito assumir uma imagem? E de que imagem se trata?

A resposta à primeira questão por si só, daria outra tese. Ela será retomada neste trabalho a título de conclusão.

Iniciando pela terceira questão, diria que a esta imagem assumida pelo sujeito na constituição de seu eu Lacan denomina imagem especular e diz que ela "parece ser o umbral do mundo visível"⁴. Esta afirmação permite pensar que esta imagem, enquanto umbral do mundo visível, é mediadora entre o externo e o interno e fundamental para que o interno seja vivido como próprio. Estaria neste plano a transformação da qual Lacan fala no início? É o que o texto parece desenvolver.

A questão que se coloca então é: como é que o sujeito assume uma imagem na constituição de seu eu? É Lacan que responde neste texto:

"É que a forma total do corpo pela qual o sujeito antecede numa miragem a maturação de seu poder, não lhe é dada a não ser como Gestalt, quer dizer numa exterioridade onde certamente esta forma é mais constituinte que constituída, mas onde, sobretudo, ela lhe aparece num relevo de estatura que a paraliza e sob uma simetria que a inverte, em oposição à turbulência de movimentos onde ele se arrisca a animá-la. Assim esta Gestalt cuja pregnância deve ser considerada como ligada à espécie, ao mesmo tempo que seu estilo motor seja ainda desconhecido - por seus dois aspectos de sua aparição simboliza a permanência mental do JE, ao mesmo tempo que representa antecipadamente seu destino alienante."⁵

Moi

(4) J. Lacan - *Le stade du miroir comme formateur de la fonction du JE*, p. 95.

(5) Idem, ibidem, p. 95.

De que Gestalt se trata? Neste texto Lacan não responde esta questão mas vai respondê-la em seu texto *Propos sur la causalité psychique*. Lá ele diz que a captação pela imagem

"... se reporta da maneira mais direta a aquela imagem do ser humano (e portanto, da imagem da espécie)⁶ já encontrada na organização mais arcaica do conhecimento humano."

O que Lacan mostra na construção desta Gestalt pela captação da imagem, que agora acrescentaríamos, da imagem da espécie, é que ao mesmo tempo que ela é constituinte da formação do eu é o seu destino alienante. Aqui Lacan avança a tese freudiana de que o narcisismo do eu é subtraído dos objetos, mostrando que neste movimento de subtração há a captação de uma imagem, que se torna constituinte de sua formação. A esta imagem Lacan denominará imagem especular, utilizando-se da metáfora do espelho para elucidar, na analogia entre o fenômeno óptico e o analítico - ambos são da ordem do virtual - o compromisso libidinal presente nesta subtração dos objetos pelo eu.

Segundo Lacan, esta imagem produz no sujeito um efeito jubilatório que é um tempo essencial do ato de inteligência.

"A assunção jubilatória de sua imagem especular pelo ser ainda submerso na incapacidade motora e na dependência da lactância em que está a criança do homem neste estado INFANS, parecer-nos-á desde então manifestar, numa situação exemplar, a matriz simbólica onde o JE se precipita numa forma primordial, antes que ele se objetiva na dialética da identificação ao outro e que a linguagem

(6) O parênteses é meu. *Propos sur la causalité psychique*, p. 185.

lhe restitua no universal sua função de sujeito."⁷

Neste momento Lacan está colocando que esta imagem é uma forma primordial do JE e que antecede a dialética da identificação ao outro. O que é que permite que esta imagem se torne essencial para o desencadeamento da dialética da identificação ao outro? A leitura do texto de Lacan suscita esta questão mas ela não está desenvolvida nele, é só mais tarde que Lacan a discutirá e será apresentado mais adiante.

De qualquer maneira, nesta subtração aos objetos na constituição do eu da tese freudiana, a teoria lacaniana mostra que há uma captação pela imagem da espécie, retomando a "projeção sobre uma superfície" do texto *El yo y el ello*, e que esta imagem é uma forma primordial que antecede a dialética da identificação ao outro. Esta forma primordial é possível a partir de uma matriz simbólica. Neste momento vemos a antecipação da futura teoria dos três registros, ou seja, o real, o imaginário e o simbólico. Há um eu (ainda real, isto é, não simbolizado) captado por uma imagem (imaginário) a partir de uma matriz simbólica (simbólico) representada na metáfora pelo espelho.

O discernimento da metáfora do espelho e o plano simbólico que este representa dentro desta metáfora foi desenvolvido da seguinte maneira por Vallejo:

"Todo este trabalho de construção topológica que se instala com a introdução do espelho não poderia ser feito sem uma matemática subsidiária, quer dizer, sem um sistema simbólico convencional. Não há nada no real que nos diga que há um ponto nele que corresponda a um outro pon

(7) J. Lacan - *Le stade du miroir comme formateur de la fonction du JE*, p. 94.

to que está no virtual. Esta correspondência e esta possibilidade de construir uma geometria reduplicativa pode ser feita somente porque há uma lei estrutural fundamental, a lei da biunivocidade colocada a partir do simbólico."⁸

Na analogia com o fenômeno analítico que estamos estudando da constituição do eu, também este espelho-outro está regido por uma Lei, que rege todo ser humano na sua relação ao sexo. E esta Lei é a matriz simbólica onde o seu se precipita numa forma primordial.

Segundo Lacan:

"O estágio do espelho é um drama cuja pressão interna se precipita da insuficiência à antecipação - e que para o sujeito, prêso no engodo da identificação espacial, maquina os fantasmas que se sucedem de uma imagem fragmentada do corpo a uma forma que chamaremos ortopédica da sua totalidade - e à armadura enfim alienante, que vai marcar de sua estrutura rígida todo o seu desenvolvimento mental."⁹

Neste momento Lacan está retomando a tese freudiana de que para a constituição do eu é preciso que ao auto-erotismo venha se agregar um novo ato psíquico. Esta passagem na teoria lacaniana tal como está colocada neste parágrafo, seria a passagem de uma imagem fragmentada do corpo a uma forma ortopédica de sua totalidade, que é uma forma alienante. Neste momento talvez possamos desenvolver melhor a idéia freudiana do novo ato psíquico. Por que novo? Então, já teria havido um anterior. O novo daria a forma ortopédica de sua totalidade, que é alienante. Antes dela, para Lacan, o que haveria seria

(8) A. Vallejo - *Topologia de Lacan*, p. 70.

(9) J. Lacan - *Le stade du miroir comme formateur de la fonction du JE*.

a imagem de corpo fragmentado. Em seu texto *Propos sur la causalité psychique* Lacan diz que esta forma ortopédica constitui

"o nó imaginário absolutamente essencial ... que a psicanálise designou sob o nome de narcisismo."¹⁰

De que antecipação estaria Lacan falando no drama do estágio do espelho onde "se agrega um novo ato psíquico"?¹¹ Esta antecipação tem como base a pré-maturação do nascimento que ocorre no homem, isto é, a incompletude e o retardo dos centros nervosos durante os seis primeiros meses. Isto levaria o infans a ter um corpo sem coordenação ainda, mas a maturação precoce da percepção visual permite a ele a apreensão de sua imagem. A questão psicanalítica que Lacan desenvolve na captação pela imagem é que o que é apreendido como imagem pelo infans não corresponde à sua realidade corporal, isto é, à sua coordenação motora insuficiente. Portanto, na passagem da insuficiência à antecipação, isto é, da posição anterior ao espelho à imagem virtual produzida pelo espelho, e a captação desta pelo infans, há uma mudança de realidade. A qual realidade me refiro? À realidade do eu, agregou-se um novo ato psíquico.

Se esta passagem se dá pela mediação do espelho, estamos diante da metáfora e portanto, do espelho-outro a ser desvendado.

Por que esta imagem da espécie pela qual o infans é captado é privilegiada com relação a outras imagens que ele possa ver? (Lembremos com Vallejo que a visão não é só uma função, é uma pulsão.)

(10) J. Lacan - *Propos sur la causalité psychique*, p. 186

(11) S. Freud - *Introducción al narcisismo*, p. 2019.

"... porque há um compromisso libidinal."¹²

E de onde advém este compromisso libidinal?

"O compromisso libidinal advém do olhar do outro, da imago do outro que o tentaculiza, que aprisiona e 'ocupa' (Besetzung) o seu olhar ... Neste aprisionamento do o-lhar, que vamos chamar num desenvolvimento posterior de impulso do desejo do outro, é que vai captar o infans como objeto do desejo do outro. Por isto é que se vai constituir como outro-olhado, enquanto que é do outro que parte a captação tentacular; este outro-olhado vai se colocar como objeto do desejo do infans mas na realidade porque o infans é captado pelo outro é que será objeto do desejo do outro. Será desejo do desejo do outro."¹³

É o primeiro jogo de b́ascula, como diz Lacan, em que o sujei-to troca seu eu por esse desejo que vê no outro e é no outro, pelo outro, que o desejo é nomeado.

Neste momento, é possível dizer que este espelho-ou-tro é o desejo do outro que surge da precipitação do eu na ma-triz simbólica e capta o seu desejo tornando-o assim, desejo do desejo do outro.

O espelho como metáfora serve para mostrar a aliena-ção que se instala a partir da relação narcísica. O que se pro-duz lá, no campo virtual que é o inconsciente, tem efeitos a-qui que, na metáfora, é o anterior ao espelho. Mas onde, do pon-to de vista da teoria lacaniana é o aqui, antes do espelho, an-terior à relação especular? É o real, o não simbolizado, um dos registros da Topologia de Lacan.

A partir da relação especular, a captação pela ima-gem produz no sujeito uma antecipação, isto é uma completude antecipada que não corresponde à sua incompletude corporal. O

(12) A. Vallejo - *La topologia de Lacan*, p. 44.

(13) Idem, *ibidem*, p. 45.

eu especular se

"instala num lugar de desconhecimento-conhecimento pois desconhece o mecanismo produtor (da antecipação)¹⁴, o traço unário, que permanece oculto pela produção mesma: a imagem constituinte da espécie que com sua unidade falsa - segundo Lacan - lhe oculta a mediação."¹⁵

Que esta completude vem do desejo do outro (petit a da teoria lacaniana) a partir do Outro do espelho (o simbólico) é um processo desconhecido pelo infans em sua assunção jubilatória. Este desconhecimento da mediação é

"a armadura alienante que vai marcar com sua estrutura rígida todo o desenvolvimento mental."¹⁶

O traço unário é o efeito de um compromisso libidinal e só é possível pelo simbólico que o espelho dá e, a partir dele, a mediação pelo desejo do outro.

Segundo Lacan esta mediação instala

"um nó de servidão imaginária que só o amor pode desfazer ou cortar."¹⁷

É nesta relação que Lacan situa o amor-paixão, próprio do eu (moi), que ao mesmo tempo que é fundamental para organizar o disperso pulsional do qual este se origina e, portanto, um nó imaginário absolutamente essencial, instala também uma servidão que só amor pode desfazer, isto é, o acesso do eu ao simbólico.

Este texto de Lacan aborda o momento do compromisso libidinal ligado à constituição do eu e os efeitos dele decor

(14) Os parênteses é meu.

(15) A. Vallejo - *Topologia de Lacan*, p. 51.

(16) J. Lacan - *Le stade du miroir comme formateur de la fonction du JE*, p. 97.

(17) Idem, ibidem, p. 100.

rentes, pela captação do sujeito por uma imagem e deixa em aberto o momento que antecede ao compromisso libidinal. Por que o correria isto num texto onde Lacan está discutindo a constituição do narcisismo a partir da formação do imaginário, umbral do mundo visível, como ele diz?

É que neste texto Lacan denomina a relação especular de narcisismo primário e a afirmação dele é a seguinte:

"O termo de narcisismo primário pelo qual a doutrina designa o investimento próprio a este momento (a relação especular)."¹⁸

É só mais tarde, aliás quase vinte anos mais tarde, em seu seminário *Les écrits techniques de Freud* que, ao voltar a discutir o narcisismo, e a relação especular implicada nele, Lacan o denomina secundário. Sua afirmação é a seguinte:

"A identificação narcísica - a palavra de identificação, indiferenciada, é inutilizável - aquela do segundo narcisismo, é a identificação ao outro que, no caso normal, permite ao homem de situar com precisão sua relação imaginária e libidinal ao mundo em geral."¹⁹

Neste texto, então, vai discutir a simbolização primordial ligada ao narcisismo primário. Ao mesmo tempo em que há uma mudança na teoria com relação ao momento da constituição do narcisismo em que se dá a relação especular, há também uma mudança em relação à metáfora utilizada para servir de subsídio para a elaboração deste conceito.

A passagem de uma metáfora à outra é mediada na teoria pelo estudo que Lacan foi desenvolvendo sobre a formação do símbolo, a passagem da constituição da imagem ao símbolo e a relação do símbolo com a linguagem.

(18) J. Lacan - *Le stade du miroir comme formateur de la fonction du JE*, p. 98.

(19) J. Lacan - *Les écrits techniques de Freud*, p. 144.

Em seu texto de 1953 *Le symbolique, l'imaginaire et le réel*, Lacan retoma o conceito de pulsão de morte para mostrar que este elemento de morte se manifesta sob o plano do símbolo. Esta relação da formação do símbolo com a pulsão de morte já havia sido mostrada por Freud ao analisar a repetição no jogo infantil. Mas Lacan a retoma articulando o texto freudiano *Mas alla del principio del placer* com o texto *La negación*. É esta articulação que lhe permite introduzir a 2ª metáfora em sua teoria do narcisismo.

A segunda metáfora utilizada por Lacan para discutir o narcisismo aparece em 1953, ao proferir o seu primeiro seminário intitulado *Les écrits techniques de Freud*, publicado em 1975 pela Éditions du Seuil.

A primeira questão que surge é justamente a respeito da existência de uma segunda metáfora ao retomar o tema do narcisismo em sua obra. Por que Lacan substituiria a metáfora do espelho plano pela metáfora dos espelhos conjugados - um esférico concavo e o outro plano - que produzem o fenômeno do vaso invertido? Este experimento com espelhos conjugados foi utilizado por Bouasse em seu livro *L'Optique et photométrie dites géométriques* em 1947. Neste experimento Bouasse utilizou um buquê invertido que Lacan modificou, em sua metáfora, para vaso invertido. O objetivo do experimento de Bouasse era a produção de uma ilusão óptica: a do buquê invertido. Em que serviria esta ilusão óptica para uma analogia com o fenômeno analítico que Lacan pretendia analisar? É que também neste fenômeno há uma ilusão a ser produzida: a antecipação de uma completude que o infans não possui ainda.

Mas há uma modificação da primeira para a segunda metáfora, a presença de um elemento novo que não constava da pri

meira. Qual é este elemento? A imagem real. Em que este elemento novo introduzido pela utilização do experimento de Bouasse contribuiria melhor para o esclarecimento do narcisismo? Para responder a esta questão é melhor situar o contexto de trabalhos teóricos de Lacan em que aparece esta segunda metáfora.

Ela aparece no ano de 1953, em seu primeiro seminário *Les écrits techniques de Freud*, sendo que no mesmo ano Lacan profere uma conferência sobre sua teoria topológica intitulada *Le symbolique, l'imaginaire et le réel* onde discute o que é próprio de cada registro e a relação entre eles e, neste mesmo ano, profere a palestra *Fonction et champ de la parole et du langage en psychanalyse* no Congresso de Roma, publicada posteriormente em seu livro *Écrits*. Este contexto mostra que neste ano Lacan estava estabelecendo as bases teóricas fundamentais de sua teoria, ou seja, a sua topologia e a sua teoria do significante, diferente da teoria saussuriana.

Chama a atenção de quem estuda a sua obra de que estes dois textos mencionados tratem da formação do símbolo e da importância dele para a estruturação da cadeia significante. É Lacan quem diz:

"... o símbolo se manifesta inicialmente como morte da coisa, e esta morte constitui no sujeito a eternização de seu desejo."²⁰

E, poderia ser acrescentado, eternização de seu desejo na cadeia significante.

Tendo como referência este contexto teórico da obra de Lacan e o capítulo do seminário mencionado em que ele in-

(20) J. Lacan - *Fonction et champ de la parole et du langage en psychanalyse*, p. 319.

introduz a segunda metáfora, *Les deux narcissismes*, prossigo o meu comentário dela.

Esquema simplificado dos dois espelhos

Para que se possa imaginar o modelo óptico, conforme a figura indicada é preciso que:

"1º que o vaso esteja no interior da caixa e que sua imagem real venha envolver em seu gargalo o buquê de flores já montado acima - o qual desempenhará para um olho eventual o papel de suporte de acomodação que indicaremos como necessário para que a ilusão se produza: a designar no momento como a do vaso invertido; 2º que um observador colocado em qualquer parte do aparelho, diremos entre as próprias flores, ou, para clareza de exposição, sobre a borda do espelho esférico, de qualquer maneira fora da possibilidade de perceber a imagem real (motivo pelo qual ela não está representada na figura) procura realizar a ilusão na imagem virtual que um espelho plano, colocado em A, pode dar da imagem real, o que é concebível sem forçar as leis da óptica." ²¹

"Seria suficiente, para que o sujeito visse esta imagem no espelho A, que sua própria imagem (no espaço virtual que um espelho engendra, e sem que ele seja obrigado a vê-la por pouco que se encontre fora de um campo ortogonal na superfície do espelho, cf. a figura e a li

(21) J. Lacan - *Remarque sur le rapport de Daniel Lagache*. *Écrits*, p. 674.

nha pontilhada S), que a sua própria imagem, diremos, venha no espaço real (ao qual o espaço virtual engendra do por um espelho plano, corresponde ponto por ponto) se situar no interior do cone delimitando a possibilidade da ilusão (campo x 'y' sobre a figura)."²²

O elemento novo, que não estava na primeira metáfora, é a imagem real. Em que este elemento poderia auxiliar Lacan na discussão a respeito dos dois narcisismos?

Lacan afirma:

"Alguém introduziu a questão dos dois narcisismos. Vocês sentem que é bem disto que se trata - da relação entre a constituição da realidade e a relação com a forma do corpo."²³

Em seguida acrescenta:

"O primeiro, se vocês quiserem, se situa ao nível da imagem real do meu esquema, na medida que ela permite organizar o conjunto da realidade num certo número de quadros pré-formados, ... enquanto que no segundo o pattern fundamental é a relação ao outro ... e se refere à imagem corporal."²⁴

Com esta citação é possível dizer que a introdução da imagem real, e portanto do espelho esférico que a produziu na metáfora que diz respeito ao narcisismo na obra lacaniana teve por objetivo introduzir o narcisismo primário e diferenciá-lo do secundário.

Qual é a natureza desta imagem que propiciaria a Lacan a analogia com o fenômeno analítico? A imagem real é mais desestruturada que a imagem virtual e a partir do foco do espelho côncavo (que é real) ela se inverte. Teríamos, então, duas

(22) J. Lacan - *Remarque sur le rapport de Daniel Lagache. Écrits*, p. 675.

(23) J. Lacan - *Les écrits techniques de Freud*, p. 143.

(24) Idem, *ibidem*, p. 144.

características da imagem real que serviria para a analogia: ser mais desestruturada que a virtual e invertida. Além do mais no experimento de Bouasse ela só é captada pelo olho a partir do virtual, isto é, a partir de seu reflexo no espelho plano, devido à posição do sujeito na sala em que se realizou o experimento.

Esta condição parece retomar a tese freudiana, com a qual Lacan concorda, de que só se tem acesso ao narcisismo primário através do narcisismo secundário. O acesso do olho à imagem real só se dá pela imagem virtual, a imagem real está lá mas não é vista.

Portanto, a partir da metáfora, e tomando o experimento neste plano metafórico, perguntaria qual é a questão a respeito do narcisismo primário que Lacan está querendo colocar ao utilizar-se deste recurso retórico?

Para responder a esta questão, o que chama a atenção, inicialmente, neste seminário é a inserção da discussão de Lacan com Hyppolite (um filósofo francês) a respeito do texto freudiano *La negación*. Por que Lacan a introduziria neste seminário? Há, então, dois elementos novos em relação ao seu trabalho de 1936 *Le stade du miroir comme formateur de la fonction du JE*, a presença do espelho esférico e sua imagem real e a discussão sobre a denegação. Este fato pareceu-me ter relação com a presença da imagem real na metáfora do narcisismo.

A resposta a ele está em um outro texto de Lacan, escrito em 1955, um ano após o seminário, e intitulado *Variantes de la cure-type*. Neste texto ele diz:

"A má fé do sujeito ... se reduplica do desconhecimento onde estas miragens narcísicas se instalam. É nesse lugar que entraremos o que Freud designa como função inconsciente do eu (moi) de sua tópica, antes de demons-

trar aí a forma essencial no discurso da denegação."²⁵

Neste momento, Lacan está articulando a relação entre as imagens e os ideais presentes no narcisismo com o discurso. Esta articulação será desenvolvida no capítulo 3 deste trabalho.

A partir da afirmação de Lacan, citada acima, os capítulos do Seminário I, que se referem à denegação, adquirem articulação com o resto do texto e dão sentido à novidade trazida por Lacan, em sua leitura de Freud, sobre o narcisismo.

Nestes capítulos Lacan vai retomar, com a ajuda de Hyppolite, a discussão freudiana a respeito da denegação e, através dela, do narcisismo primário ou processo de simbolização.

Esta discussão vai retomar a formação do símbolo, concebendo-a como um momento mítico e não genético. Este momento mítico "é marcado por uma diferença de nível no sujeito"²⁶. Esta diferença de nível tem um estatuto lógico, dentro da reconstrução mítica. É a construção do dentro e do fora do eu primitivo, como formulava a tese freudiana do texto *La negación*. Retomando esta tese, Lacan acrescenta:

"Teria havido inicialmente, a expulsão primária, quer dizer, o real como exterior ao sujeito. Depois no interior da representação (*Vorstellung*), constituída pela reprodução (imaginária) da percepção primeira, a discriminação da realidade como daquilo que do objeto desta percepção primeira não é apenas colocado como existente para o sujeito, mas pode ser reencontrado (*wiedergefunden*) no lugar onde possa dele se assenhorar. É apenas assim, que a operação, desencadeada que seja pelo princípio de prazer, escapa ao seu domínio. Mas nesta realidade, que o sujeito deve compor segundo a gama bem temperada de seus objetos, o real, enquanto separado da simbolização

(25) J. Lacan - *Variantes de la cure-type*, p. 352

(26) J. Lacan - *Réponse au commentaire de Jean Hyppolite sur la "Verneinung" de Freud. Ecrits*, p. 382.

primordial, já estava aí."²⁷

Esta mudança se dá tanto no sentido de deixar o domínio do princípio de prazer como no de tornar representado o que antes havia sido expulso.

Esta diferença de nível implica, como mostra o texto de Hyppolite,

"uma passagem à afirmação (bejahung) a partir da tendência unificadora do amor."

É, ainda, Lacan que afirma o seguinte:

"A condição para que qualquer coisa exista para o sujeito, é que haja Bejahung."

É a bejahung, eu acrescentaria, que dando a possibilidade do símbolo torna possível que algo seja reconhecido, e portanto, haja simbolização constituída.

Nesta reconstrução mítica vemos portanto operar uma inversão: o que era da ordem da Ausstossung (expulsão) e portanto, exclusão do eu se torna da ordem da Bejahung (afirmação) e portanto, da inclusão.

"Esta afirmação (Bejahung) se inscreve, portanto, no sujeito como negação (verneinung) da Ausstossung (expulsão)."²⁸

É a inversão que a metáfora dos espelhos conjugados traz, através da imagem real, pois na própria produção desta imagem se opera uma inversão (ao nível do fenômeno óptico). Por outro lado, a imagem é o negativo do objeto (positivo) que estava diante do espelho, assim como o símbolo é o negativo da coisa. É a imagem real como negativo que produzirá a imagem virtual como negatividade. A imagem virtual é uma negativida-

(27) J. Lacan - *Réponse au commentaire de Jean Hyppolite sur la "Verneinung" de Freud. Écrits*, p. 389.

(28) R. Lew - *A denegação na obra de Freud*, p. 31.

de na medida que é o negativo do negativo (imagem real). Aqui haveria em Lacan, na proposta da metáfora um fundamento hegeliano que será desenvolvido no Cap. 3.

O compromisso libidinal, presente no texto freudiano é destacado por Lacan, pela captação da imagem que é essencialmente constitutiva da relação imaginária, é o mediador que permite que o negativo da coisa que é o símbolo se torne a negatividade na linguagem.

Na medida que a afirmação primordial se inscreve como a negação da expulsão é a inscrição desta negação que denunciará no eu o que nele há daquilo que se deve à simbolização primordial. É aí que há a incidência do recalque originário, "o 'não' é um certificado de origem."²⁹ Se não há recalque há a forclusão (verwerfung) da afirmação (bejahung).

É este "não" como certificado de origem que permitirá a passagem do negativo para a negatividade, segundo a metáfora, onde se produzirão os ideais do eu.

A produção dos ideais e a das imagens são os dois elementos que compõem a constituição do eu, como já mencionado no capítulo 1.

Ao discutir a produção dos ideais Lacan retoma a leitura do texto freudiano *Introducción al narcisismo* e diz que é um texto cheio de impasses e obscuridades, que não traz uma solução mas abre uma série de questões. Foram estas questões que nortearam o seu trabalho e às quais tentei acompanhar com o meu. A conceituação dos ideais também pertence a um destes impasses.

Há várias questões que se colocam em relação à pro-

(29) S. Freud - *La negación*, p. 2885.

dução dos ideais: se Freud caracterizou dois ideais do eu, ou seja, um ligado ao eu ideal (ideal-ich) e outro ao ideal do eu (ich-ideal), no texto mencionado acima, o que é que pretendia diferenciar? Se Lacan retoma esta diferenciação freudiana na sua metáfora ele traz algo novo à concepção anterior?

Nesta segunda metáfora do narcisismo, o que Lacan vai mostrar é que na relação ao outro, que a relação especular estrutura, há uma dupla incidência do imaginário e do simbólico.

É a incidência do imaginário, enquanto assunção jubilatória de sua imagem que precipita o eu em sua forma primordial. A partir da captação por esta imagem, o sujeito se fixa a uma forma ortopédica de sua totalidade. Esta fixação é que opera, a partir do simbólico, a transposição de sua insuficiência motora à antecipação de completude.

Mas o simbólico, enquanto mediação, é desconhecido pelo eu que assume a antecipação. Há um não-saber nesta função de desconhecimento que o aliena da mediação simbólica, ao mesmo tempo que o fixa na imagem - ele é a imagem, e metaforicamente, ele é o desejo do desejo do outro. Isto o leva a assumir uma forma ortopédica de sua realidade, aprisionado no desejo do outro.

Aí, então, constituindo uma unidade falsa, a partir da antecipação obtida pela captação pela imagem, à qual Lacan denominou traço unário,

"porque se teoricamente é uma unidade falsa não pode ter as características de uma unidade"^{30 e 31},

(30) A. Vallejo - *La topologia de Lacan*, p. 48.

(31) Vallejo diz, no texto citado acima, que a utilização deste termo por Lacan tem como virtude teórica primordial

o eu pode organizar a sua vivência de corpo fragmentado, provocada pela sua impotência motora.

Mas, este eu, desconhece o mecanismo produtor de sua reconstituição unária, o traço unário³².

É esta a ortopedia à qual se referia Lacan em seu texto *Le stade du miroir comme formateur de la fonction du Je*. Ao mesmo tempo que ordena a sua fragmentação, o traço unário recebido da captação pela imagem, lhe oculta a mediação e o lança na função de desconhecimento que está na origem da formação do eu e que a teoria denominou de eu-ideal.

Portanto, neste primeiro momento, a incidência simbólica que a relação especular engendra, é desconhecida pelo eu. É num segundo momento, na passagem da forma ortopédica, enquanto imagem para a linguagem, para a

"... cadeia significante, na medida em que é inaugurada pela simbolização primordial",³³

em que há a incidência do simbólico na relação especular.

É neste momento, onde Lacan retoma Freud, e a experiência relatada por este, a da criança realizando o jogo do carretel, e já citada neste trabalho, e mostra que ao tornar-se significante o desejo se eterniza na linguagem. Nesta mediação pelo simbólico, pela palavra,

(31) CONT.- poder colocar a pergunta de por que não um traço unitário - quer dizer, aquilo que tem os caracteres da unidade, que tenha a unidade ou a conserva - e sim um traço unário. Primeiro, porque o traço unário está produzido por uma imago pertencente a uma gestalt muito específica que constitui uma unidade falsa. (Segundo), porque tanto teoricamente se trata de uma unidade falsa não pode ter os caracteres da unidade nem tender a conservá-la, como o traço unário.

(32) J. Lacan - *Les écrits techniques de Freud*, p. 169.

(33) J. Lacan - *D'une question préliminaire à tout traitement possible de la psychose*, p. 595.

"... que define o maior ou menor grau de perfeição, de completude, de aproximação, do imaginário. O ideal do eu comanda o jogo de relações do qual depende toda relação ao outro. E desta relação ao outro depende o caráter mais ou menos satisfatório da estruturação imaginária."³⁴

No experimento de Bouasse utilizado para a metáfora, a possibilidade de se ver nitidamente a imagem depende de duas condições: do lugar a partir do qual o olho se coloca para ver esta imagem (o cone x'y' produzida pelo espelho esférico) e da inclinação do espelho plano.

Na metáfora produzida, eu diria que este cone é o lugar mítico, de onde vem a simbolização. E para o esclarecimento da segunda condição, em seu plano metafórico, Lacan diz:

"Nós podemos supor agora que a inclinação do espelho plano é comandada pela voz do outro. Isto não existe ao nível do estádio do espelho (isto é, da assunção jubilatória pela imagem da espécie)³⁵, mas é realizado em seguida pela nossa relação com o outro em seu conjunto - a relação simbólica. Vocês podem assegurar-se, desde então, que a regulação do imaginário depende de qualquer coisa que está situada de maneira transcendente, como diria Hyppolite - o transcendente na ocasião não sendo nenhum outro que a ligação simbólica entre os seres humanos. O que é a relação simbólica? É, para por os pingos nos is, que socialmente, nós nos definimos por intermédio da lei. É a troca de símbolos que situa os nossos eus, uns em relação aos outros. Em outros termos, é a relação simbólica que define a posição do sujeito como aquele que vê."³⁶

Este lugar simbólico, na teoria lacaniana é denominado Outro (outro com maiúscula) para diferenciá-lo do outro especular (outro com minúscula). Este lugar do Outro

(34) J. Lacan - *Les écrits techniques de Freud*, p. 169.

(35) O parênteses é meu.

(36) J. Lacan - *Les écrits techniques de Freud*, p. 169.

"é o lugar ao qual responde no nosso modelo (o dos espelhos conjugados)³⁷ ao espaço real ao qual se superpõem as imagens virtuais 'atrás do espelho'."³⁸

Por que Lacan utilizou aspas nesta afirmação? Penso que para destacar o sentido ambíguo da expressão e do qual ele precisava para a construção da metáfora do fenômeno analítico que pretendia explicitar. Atrás do espelho é o lugar do inconsciente, sempre virtual. Havia, no caso, o "atrás" que é a ilusão ótica do lugar da imagem virtual, produção do espelho plano, e o "atrás", quer dizer, o "depois" desta relação, que é a mediação pelo simbólico, lugar onde se constitui o ideal do eu. É a partir do simbólico que se tem distância em relação ao imaginário. É aí que se instaura a negatividade no discurso, os dois negativos (a imagem real e a imagem virtual) mediados pelo simbólico (do espelho plano), que no plano metafórico seriam o narcisismo primário e secundário que estruturam o imaginário, com a mediação do simbólico.

O Outro (grande outro), lugar do discurso não pode estar ausente de nenhuma tomada de distância pelo sujeito de sua relação ao outro da relação especular,

"sempre latente à triangulação que consagra esta distância, nem tanto que não se ponha à vista mesmo na relação especular em seu momento mais puro: no gesto pelo qual a criança diante do espelho, se volta em direção a quem a segura, pedindo o olhar como testemunha que opera a decantação, para verificar, o reconhecimento da imagem, da assunção jubilante, onde certamente *ela já estava*."³⁹

Não é ao personagem que sustenta o seu corpo que a criança pro-

(37) O parênteses é meu.

(38) J. Lacan - *Remarque sur le rapport de Daniel Lagache*, p. 678.

(39) Idem, *ibidem*, p. 678.

cura como testemunha, mas ao discurso que veicula o lugar onde ela já estava, sustentada como desejo.

Lacan retoma a experiência do jogo do carretel para mostrar que aí já havia negatividade no discurso. A ausência da mãe, criava para a criança o negativo da presença e com os símbolos Fort e Da se criava o segundo negativo que instaurava a negatividade no discurso e com ela a repetição. E a passagem do negativo, com seu traço unário ao nível da imagem corporal (ao nível imaginário), para a negatividade, com o seu traço unário no discurso (ao nível simbólico), é o que a teoria denomina de ideal do eu.

"... se vocês me permitem esta fórmula, o traço unário de signa qualquer coisa que é radical para esta experiência originária: é a unicidade como tal da volta (tour) na repetição. Penso ter marcado suficientemente para vocês que a noção da função da repetição no inconsciente se distingue absolutamente de todo ciclo natural, no sentido de que aquilo que é acentuado nela não é o seu retorno, é o que é investigado pelo sujeito, é a sua unicidade significante e enquanto uma das voltas (tours) da repetição, se é possível dizer, marcando o sujeito que se põe a repetir o que ele não saberia bem sobre o que repetir, pois isto não seria nunca uma repetição mas, com o objetivo, com o desígnio de fazer ressurgir o unário primitivo de uma de suas voltas (tours)."⁴⁰

* * * *

(40) J. Lacan - *L'identification*, p. 253..

C A P Í T U L O I I I

O IMAGINÁRIO NO DISCURSO DA DENEGAÇÃO

Em seu texto *La negación* Freud faz a seguinte afirmação:

"... em análise não encontramos nenhum 'não' procedente do inconsciente, assim como ... o reconhecimento do inconsciente por parte do eu se manifesta por meio de uma fórmula negativa."¹

A partir desta afirmação Freud introduz a forma como o reconhecimento do inconsciente da parte do eu se manifesta no discurso - como denegação.

Segundo Hyppolite, em seu texto *Commentaire parlé sur la "Verneinung" de Freud*,

"na denegação há uma aparição do ser sob a forma do não ser, onde o símbolo da negação é ligado à atitude concreta da denegação."²

O que é que Hyppolite estaria introduzindo quando diferencia o símbolo da negação da atitude concreta da denegação?

É preciso ver na denegação uma atitude concreta em relação à origem do símbolo explícito da negação, cujo símbolo explícito torna apenas possível qualquer coisa que seja como a utilização do inconsciente, mantendo o recalque."³

A partir desta afirmação, penso que ele estaria diferenciando o momento mítico em que se cria o símbolo da nega

(1) S. Freud - *La negación*, p. 2886.

(2) J. Hyppolite - *Commentaire parlé sur la "Verneinung" de Freud, Écrits*, p. 886.

(3) Idem, *ibidem*, p. 887.

ção como sucessão da expulsão primária que antecede à inscrição da afirmação (Bejahung) de seus efeitos no discurso.

Como já foi discutido anteriormente, neste momento mítico a denegação (verneinung) surge como possibilidade da afirmação (Bejahung). É a partir do momento em que a afirmação se inscreve como negação (verneinung) da expulsão que há simbolização explicitada.

Como é que algo que antes era expulso se torna parte do eu? O recurso metafórico escolhido por Freud foi o estudo dos juízos.

A partir deste recurso, Freud tenta formular o momento do surgimento do símbolo da negação como possibilidade da afirmação.

"A distinção do estranho e do si mesmo, é uma operação, uma expulsão."⁴

É a esta operação de expulsão ou exclusão do eu e de introjeção ou inclusão no eu, que é a operação primordial, que Freud relacionará em sua analogia ao juízo de atribuição. A partir da inclusão no eu, deste resto não excluído e inscrito enquanto representação, teríamos então a relação entre a representação e a percepção. A esta operação Freud relacionará em sua analogia ao juízo de existência. Se está inscrito, se existe, a questão não é saber se esta representação conserva ainda seu estado na realidade mas se poderá ser reencontrada.

"No julgamento de existência, trata-se de atribuir ao eu, ou melhor ao sujeito (é mais compreensível) uma representação à qual não corresponde mais, mas já correspondeu, num retorno para trás seu objeto."⁵

(4) J. Hyppolite - *Commentaire parlé sur la "Verneinung" de Freud*, p. 884.

(5) Idem, *ibidem*, p. 885.

O que está em jogo aqui não é mais a expulsão ou exclusão e a introjeção ou inclusão mas a constituição do exterior e do interior.

Segundo Lacan, é a expulsão fora do sujeito

"que constitui o real enquanto domínio do que subsiste fora da simbolização."⁶

A criação do símbolo da negação é que permite esta partição inicial entre o que se constitui da ordem da simbolização e o que subsiste fora dela. Se não há esta partição inicial

"o símbolo (inscrição da negação da expulsão primária)⁷ não entra, portanto, no imaginário. Ele constitui, diz Freud, o que propriamente não existe; e é como tal que ele existe, pois nada existe a não ser num fundo suposto de ausência. Nada existe a não ser que não exista."⁸

E, eu acrescentaria, só se torna existente se puder se tornar símbolo, pois é neste plano que poderá ser reencontrado na representação.

Em que plano poderia ser situada a negação proveniente das duas formas de juízo? Se aquilo que subsiste fora da simbolização primordial é da ordem do real, como situar em relação à topologia de Lacan a negação proveniente das duas formas de juízo que seria o resto incluído no eu e, portanto, no processo de simbolização primordial? Hyppolite responde a esta questão da seguinte maneira:

"Parece-me que para compreender o seu artigo (La negación)⁹,

(6) J. Lacan - *Réponse au commentaire de Jean Hyppolite*, *Écrits*, p. 392.

(7) O parênteses é meu.

(8) J. Hyppolite - *Commentaire parlé sur la "verneinung" de Freud*, p. 884.

(9) O parênteses é meu.

é preciso considerar a negação do julgamento atributivo e a negação do julgamento de existência, como aquê^m da negação no momento onde ela aparece na sua função simbólica."10

Ora, o aquê^m da função simbólica na teoria lacaniana é a função imaginária. Penso que a partir da afirmação de Hyppolite é possível dizer que a negação que surge a partir de cada um destes juízos poderia ser situada no registro imaginário.

Seguindo esta articulação coloca-se a seguinte questão: se a negação proveniente de cada um destes juízos é da ordem imaginária como é que se constituiria a negação na função propriamente simbólica?

O desenvolvimento desta questão recoloca a diferença trazida por Hyppolite entre o símbolo da negação e a atitude concreta da denegação. A partir da construção mítica feita por Freud, e retomada por Lacan e Hyppolite, foi possível situar a formação do símbolo da negação e agora poder tratar dos seus efeitos no discurso.

Segundo Freud,

"a denegação é uma forma de tomar conhecimento do recalcado; na realidade supõe já um levantamento do recalque, embora não uma aceitação do recalcado. Vemos como a função intelectual se separa neste ponto do processo afetivo. Com a ajuda da denegação se anula uma das consequências do processo de recalque: a de que o seu conteúdo de representação não tenha acesso à consciência. Disto resulta uma espécie de aceitação intelectual do recalcado, enquanto subsiste ainda o essencial do recalque."11

Lacan mostra que o afetivo neste texto de Freud é concebido

(10) J. Lacan - *Réponse au commentaire de Jean Hyppolite*, *Écrits*, p. 392.

(11) S. Freud - *La negación*, p. 2886.

símbolo é como tal conotação da presença e da ausência."¹⁵

A partir desta afirmação de Lacan é possível dizer que a denegação ao implicar a existência de qualquer coisa, também evidencia a passagem de um registro ao outro, isto é, do real ao imaginário, trazendo a presença do símbolo e a relação dele com o recalque ou com o que se deve à simbolização primordial. É claro que esta articulação só é possível ao nível do compromisso simbolizante da neurose, sendo que na psicose há falha na simbolização primordial.

Para retornar a questão colocada anteriormente a respeito da referência feita por Hyppolite sobre a negação proveniente de cada um dos juízos e a negação na sua função propriamente simbólica, seria preciso agora passar ao fundamento hegeliano que implica esta passagem.

Esta passagem implica um movimento que, para o pensamento hegeliano, é o trabalho do negativo. É a passagem da denegação para a admissão dela a qual Hyppolite se refere da seguinte maneira:

"... é a negação da negação, estes termos não se encontram em Freud, mas eu creio que não se faz mas do que prolongar o seu pensamento formular assim."¹⁶

Este movimento é a

"auto-negação de devir que faz passar ao ser-aí. O devir é o desaparecimento do ser no nada e do nada no ser, isto é, o desaparecimento do ser e do nada como tais; mas só é devir pela diferença deles. É, portanto, ao mesmo tempo, afirmação e negação de sua diferença interna, de sua determinação, de si mesmo, ele se contradiz como devir, o que significa que a unidade do ser e do nada -

(15) J. Lacan - *Les psychoses*, p. 176.

(16) J. Hyppolite - *Commentaire de J. Hyppolite sur la "verneinung" de Freud*, *Écrits*, p. 882.

que se deve necessariamente pensar desde que se pensa o ser, isto é, seja o que for até do fato mesmo que se pensa - só pode ser pensada (identificado em sua diferença) como devir negado (em sua insuficiência), e o devir negado, ou o nada do devir é o ser-aí."¹⁷

Na esfera do ser, a identidade é relação imediata a si mesmo e o negativo é o simples ser-outro. É na esfera da essência, onde o ser, pela negatividade de si mesmo, se mediatiza com ele mesmo, contém o negativo, enquanto determinidade imediatamente suprimida.

"A essência é o ser que é deixado em si mesmo, isto é, que sua relação simples a si mesmo é esta relação por meio da negação do negativo, ou como pura negatividade."¹⁸

Como é que este agir negativo engendra o movimento de negativo? É Hegel que responde:

"... esta negatividade não é exterior ao ser, mas é sua própria dialética, a verdade do ser é a essência..."¹⁹

A negatividade surge, então, como a negação do negativo, isto é, como a segunda negação e só aí a função simbólica da negação.

O movimento que vai da negação à negatividade é que permite a passagem do discurso narcísico, cifrado pela denegação, para as formações do inconsciente (ato falho, sonho, sintoma e chiste).

"... é na medida que a confissão do ser não chega ao seu termo, que a palavra se lança inteiramente na vertente em que ela se agarra ao outro."²⁰

(17) G.W.F. Hegel - *La Science de la Logique*, p. 206.

(18) Idem, *ibidem*, p. 215.

(19) Idem, *ibidem*, p. 215.

(20) J. Lacan - *Les écrits techniques de Freud*, p. 59.

"como o que de uma simbolização primordial conserva seus efeitos até na estruturação discursiva."¹²

Na estruturação discursiva, segundo a afirmação freudiana citada acima, através da denegação, há aceitação intelectual do recalado, enquanto subsiste o essencial do recalque. O que seria o essencial do recalque? Pensô que o que se deve à simbolização primordial. É neste sentido que se deveria compreender a afirmação freudiana de que a função intelectual se separa do processo afetivo no momento em que ocorre a denegação.

Segundo Benveniste, o discurso

"pode prodigalizar as denegações, mas não abolir a propriedade fundamental da linguagem, que é de implicar que qualquer coisa corresponda ao que é enunciado, qualquer coisa e não 'nada'."¹³

E a partir desta afirmação é possível ligar o fenômeno analítico com a linguagem, isto é, na própria formulação da denegação há uma confissão. Para Lacan a denegação

"demonstra nela a confissão do próprio significante que ela anula."¹⁴

Ainda, Lacan afirma que no campo dos fenômenos da denegação

"se produz os fenômenos que devem resultar de uma queda de nível, da passagem de um registro ao outro, e que se manifestam curiosamente com o carácter do negado e do não admitido - é colocado como não sendo existente. Lá está uma propriedade fundamental da linguagem, já que o

(12) J. Lacan - *Réponse au commentaire de Jean Hyppolite*, *Écrits*, p. 383.

(13) E. Benveniste - *Problèmes de linguistique générale*, 1, p. 85.

(14) J. Lacan - *D'une question préliminaire à tout traitement possible de la psychose*, *Écrits*, p. 558.

Assim é que Lacan coloca o discurso narcísico, função imaginária da palavra. A confissão do ser só se daria na medida que surgisse uma das formações do inconsciente, sendo que esta impossibilidade mantém o discurso narcísico. A confissão do ser, para a Psicanálise, se dá sempre a partir da emergência do inconsciente e do trabalho da associação livre para a nomeação do desejo.

O reconhecimento do inconsciente por parte do eu se manifesta como denegação e coloca assim a questão da realização da palavra no registro imaginário. Para Lacan a questão é "... saber em que nível se produz o agarramento ao outro"²¹ quando se trata da realização da palavra no registro imaginário, veiculada pelo discurso narcísico.

Ao referir-me à realização da palavra neste registro Lacan diz:

"Não é estranho à essência da palavra, se posso dizer isto, o agarrar-se ao outro. A palavra é mediação sem dúvida, mediação entre o sujeito e o outro, e ela implica a realização do outro na própria mediação. Um elemento essencial da realização do outro é que a palavra possa nos unir a ele. Está aí o que lhes ensinei sobretudo até o presente, porque é nessa dimensão que nos deslocamos incessantemente."²² "O nível em que o outro é vivido situa exatamente o nível no qual, literalmente, o eu existe para o sujeito."²³

Se no registro imaginário há mediação entre o sujeito e o outro e esta mediação produz um agarrar-se ao outro através da realização da palavra, como é que a captação do outro toma a sua função?

Lacan destaca as seguintes funções: tomar o outro co

(21) J. Lacan - *Les écrits techniques de Freud*, p. 60.

(22) Idem, ibidem, p. 59.

(23) Idem, ibidem, p. 59.

mo testemunha, a sedução, a tentativa de captar o outro num jogo em que a palavra passa mesmo a uma função mais simbólica e a partir daí a desorganização completa da função da palavra onde o sujeito se libera totalmente.

Penso que esta desestruturação da função imaginária da palavra se dá ao se desfazerem as miragens narcísicas, veiculadas pelo movimento da negação no discurso da denegação.

* * *
* * *

C O N C L U S Ã O

A literatura a respeito do tema escolhido é extensa e variada, todas as linhas teóricas da psicanálise falaram a respeito do narcisismo.

A pesquisa realizada por Laplanche e Pontalis¹ mostra como a diferenciação dos dois narcisismo é problemática, tanto na obra de Freud quanto na literatura analítica. Daí a importância que assume a retomada deste tema por Lacan, ao proferir o seu primeiro seminário.

Ao retomar o tema Lacan procede a uma superação de seu texto *Le stade du miroir comme formateur de la fonction du Je*, onde tratara desta questão. É interessante acompanhar como Lacan procedeu em relação a investigação deste tema. A metáfora que criou neste texto mencionado - a do espelho plano - dava conta daquilo que formulava teoricamente a respeito do narcisismo, isto é, a relação especular como narcisismo primário. As suas investigações decorridas durante quase vinte anos o levaram a reformular sua concepção a respeito do narcisismo. Lacan deixa o texto de 1936 intacto, o supera, na medida que em 1953 liga a relação especular ao narcisismo secundário e trabalha mais o texto freudiano *La negación* e, a partir desta investigação e de seus estudos a respeito do pensamento hegeliano, situa o narcisismo primário como o processo de simbolização. Aí, então, cria uma nova metáfora para dar conta da descoberta.

Aprendi com Lacan que a superação dialética de um texto teórico implica na sua preservação, porque um dia ele

(1) J. Laplanche e J. Pontalis - *Vocabulário de Psicanálise*, p. 365.

-40-

foi um momento da constituição do sujeito teórico. Se Lacan reformulasse o conceito no texto de 1936, a metáfora criada para dar conta dele já não serviria mais. A nova metáfora traz o antigo no novo e torna a novidade um ato de criação, permitindo então a colocação dos dois narcisismos.

O narcisismo é fundamental como momento da constituição do eu (Je), pois sem o acesso ao imaginário haveria uma passagem direta do real para o simbólico. Esta passagem teria como efeito os fenômenos alucinatorios. Nestes fenômenos, o real e o imaginário estão misturados e há falha no processo de simbolização e, portanto, na constituição do narcisismo.

Do ponto de vista clínico, é o estudo do narcisismo que permite situar os dois aspectos da relação transferencial que têm estatuto imaginário - o amor-paixão e a agressão. Este estudo mostra que o primeiro retoma a captação pela imagem e o efeito jubilatório decorrente dela a partir da organização propiciada pela inscrição do traço unário, ao mesmo tempo organizador do disperso pulsional e alienador do sujeito no desejo do outro. Quanto ao segundo, foi possível diferenciar o ato existencial, a agressão, da relação imaginária que o sustenta, a agressividade. Neste estudo, Lacan pôde mostrar que a agressividade responde ao

"... despedaçamento do sujeito contra si mesmo..."²

e que é o substrato imaginário presente na agressão ao outro. Este despedaçamento tem o seu momento primordial na antecipação que estrutura as imagens de corpo fragmentado. Lacan mostra que só o amor, isto é, a transferência simbólica, pode desfazer esta servidão imaginária.

(2) J.Lacan - *Variantes de la cure-type*, p. 344.

O narcisismo é o momento feminino da teoria analítica e o fundamento para a função materna, resgatado por Lacan, numa visão dialética, como o nó essencial da constituição do eu (moi). É a anti-tese, a mediação entre o real e o simbólico. Do ponto de vista psicanalítico, poderia dizer que sem a organização fundamental do traço unário o eu (moi) fica perdido no real não simbolizado, sem poder vir a se tornar um eu (JE), momento em que o eu (MOI) tem acesso ao simbólico. Por outro lado, é só pela incidência do simbólico que o imaginário se separa do real, daí a supremacia do simbólico na teoria lacaniana.

O estudo desenvolvido por Freud em 1925 e analisado neste trabalho e o estudo de 1953, desenvolvido por Lacan em seu primeiro Seminário deram subsídios teóricos para o esclarecimento do narcisismo primário. É a formulação deste momento de constituição do eu que permitiu a articulação do processo de simbolização primordial. Este processo é fundamental na estruturação do psiquismo na medida que é graças a ele que algo pode ser reencontrado, porque existe para o psiquismo, ou não existindo reaparece no real como visto, isto é, alucinado.

Como decorrência deste processo de simbolização, na neurose se estabelece um compromisso simbolizante enquanto que na psicose isto não é possível, abrindo uma questão a respeito de uma falha na constituição do narcisismo.

Tentei acompanhar a maneira como Lacan retomou a questão freudiana a respeito do narcisismo e como ele desenvolveu o impasse deixado pelo texto *Introducción al narcisismo* sobre o novo ato psíquico na constituição do narcisismo, e a partir disto a formulação do narcisismo secundário.

Por outro lado, era uma questão que eu coloquei des

de o início do meu estudo sobre o narcisismo, a passagem das imagens e dos ideais para o discurso. Como situar as miragens narcísicas no discurso? O estudo da denegação permitiu esta articulação, e a diferença, destacada por Hyppolite, entre o símbolo da negação e a atitude concreta da denegação, permitiu situar o que se devia à simbolização primordial daquilo que aparecia como miragem narcísica no discurso atual.

De uma maneira geral pude apreciar, através do meu estudo, a importância do recurso retórico quando se trata do inconsciente, sempre virtual.

Há várias maneiras pelas quais se poderia estudar o tema proposto, escolhi acompanhar o movimento do conceito da reflexão e a partir dele a construção feita por Freud e Lacan.

Para concluir citaria Lacan:

"O que nos retém, é que uma psicanálise que se move no simbólico - o que não é contestável se seu processo é de conquista do inconsciente, do surgimento da história e da reconstrução do significante, se não se denega simplesmente que o seu meio seja a palavra - seja capaz de manejar um eu (Moi) assim constituído em seu estatuto imaginário."³

(3) J. Lacan - *Variantes de la cure-type*, p. 352.

B I B L I O G R A F I A

BENVENISTE, E. - *Problèmes de linguistique générale*. Paris, Gallimard, 1974.

CABAS, Godino A. - *Uno*. Argentina, Helguero, 1977.

FREUD, S. - *Obras Completas*. Madrid, Biblioteca Nueva, 1973.

TEXTOS CONSULTADOS

Três ensaios para uma teoria sexual

Introducción al narcisismo.

Mas alla del principio del placer.

Los instintos y sus destinos.

El yo y el ello

La negación.

HEGEL, G.W.F. - *La Science de la logique*. Bibliothèque des textes philosophiques. Paris, Vrin, 1979.

HYPPOLITE, J. - *Commentaire parlé sur la "verneinung" de Freud*. *Écrits*. Paris, Éditions Seuil, 1966.

LACAN, J. - *Écrits*. Paris, Éditions du Seuil, 1966.

TEXTOS CONSULTADOS

Le stade du miroir comme formateur de la fonction du Je.

Propos sur la causalité psychique.

Fonction et champ de la parole et du langage en psychanalyse.

Variantes de la cure-type.

Réponse au commentaire de J. Hyppolite sur la "Verneinung" de Freud.

D'une question préliminaire à tout traitement possible de la psychose.

——— - *Le Séminaire, Livre I. Les écrits techniques de Freud*. Texto establecido por Jacques-Alain Miller. Paris, Seuil, 1975.

——— - *Le Séminaire. Livre III; Les psychoses*. Paris, Éditions du Seuil, 1981.

LAPLANCHE, J. e PONTALIS J.B. - *Vocabulário da Psicanálise*.
Brasil, Martins Fontes, 1970.

LEW, R. - *A denegação na obra de Freud*. São Paulo, Escola Freudiana de São Paulo, 1981.

* * * *

R E S U M O

Este trabalho pretendeu acompanhar o movimento do conceito de narcisismo em Freud e Lacan, no alcance do meu estudo atual de suas obras.

Este tema tem sido estudado pelas diferentes linhas teóricas em psicanálise, evidenciando-se a dificuldade na diferenciação dos dois narcisismos.

Assim, foi oportuno e importante que Lacan tenha retomado esta discussão, destacando os impasses do texto freudiano *Introducción al narcisismo*.

A partir do estudo desenvolvido por Lacan, a questão deixada por Freud a respeito da constituição do narcisismo - de que ao autoerotismo teria que se agregar um novo ato psíquico - começa a se esclarecer.

A segunda metáfora a respeito do narcisismo - a dos espelhos conjugados - foi um recurso retórico para dar conta do impasse deixado por Freud e já trabalhado por Lacan em sua primeira metáfora - a do espelho plano..

É neste momento de sua obra que Lacan situa o processo de simbolização ao nível do narcisismo primário e a relação especular ao do narcisismo secundário.

O outro aspecto destacado pelo seu trabalho foi mostrar que as miragens narcísicas estão estruturadas pelo discurso da denegação.

S U M M A R Y

This work intended to follow the mouvement of narcissism concept in Freud and Lacan, considering my actual study of their work.

This subject has been studied by different theoretical lines in psychanalysis, becoming clear the difficulty in the differentiation between both narcissisms.

So, it was convenient and important that Lacan could retake this debate, putting in relief the impasses of the freudien's text *Introduction to the narcissism*.

From the study developed by Lacan, the question left by Freud about the constitution of narcissism - to the autoerotism it should be added a new act psychic - started to turn clear.

The second metaphor about narcissism - the one of de conjugated mirrors - has been a rethoric mean to overcome the impasse left by Freud and already worked by Lacan in his first metaphor - the one of the plane mirror.

At this moment of his work Lacan establishes the simbolization process in the primary narcissism level and the specular relation in the second narcissism.

Another aspect placed in relief by my work has been showing that the narcissic mirages were structured by the denial discourse.